

NOVAS PEDRAS NOS CAMYNHOS DE WALLA CAPELOBO

NEW ROCKS IN THE WAYS OF WALLA CAPELOBO

DE NOUVELLES PIERRES SUR LES CHEMINS DE WALLA CAPELOBO

NUEVAS PEDRAS EN LOS CAMINOS DE WALLA CAPELOBO

Carolina Cerqueira Correa

Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design, Brasil

Malandro Vermelho

Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design, Brasil

Walla Capelobo

Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design, Brasil

RESUMO: Este é um ensaio-encante, uma escrita-reza, caminhada por tempos-espacos, experimentando pensar com. Pensar com a artista e pesquisadora e escritora Walla Capelobo, partindo de matrizes ancestrais de falar e pensar e escrever. Pensar com palavras e corpos e gestos, a escrevivência de ser sujeita de pesquisa, corpa que é e produz conhecimento, na contramão do mundo colonial. Ensaio feito em bando, com seres visíveis e invisíveis, humanos e não-humanos, caminhando entre Congonhas e Matias Barbosa e Juiz de Fora, cidades de Minas Gerais. Nossa proposta coloca nossos corpos em jogo, pois com nossas epistemologias das macumbas, palavra é pensamento, é corpo. Escrever então é movimento, ação. Rever a caminhada de Walla, é rever a caminhada com Walla. Resenhar com Capelobo é conversar com sua corpa e com sua palavra. Com ela rezamos um tempo grande, histórico, cósmico, onde pensar é (re)criar. Experimentamos sua lama, sua terra, sua mata, sua estrada, seu viver. Como? Com. Cocriando com a Nossa Senhora do Rosário, com os Arturos, e outras formas encantadas de atravessar o mundo e criar terreiros de saber e cura.

Palavras-chave: caminhada, ancestralidade, escrevivência, performance.

ABSTRACT: This is an essay-enchancement, a writing-prayer, walking through time-spaces, experimenting with meaning and thinking with an artist, researcher, and writer Walla Capelobo, starting from ancestral roots to speak, think, and write. To think with words and bodies and gestures, the livature of being the subject of the research, a body producing knowledge, against the colonial world. The rehearsal was done in group, with visible and invisible beings, non-human and humans, among Congonhas, Matias Barbosa, and Juiz de Fora, cities of Minas Gerais. Our proposal puts our bodies at stake because with our "macumbas" epistemologies, the word is thought, it is the body. So writing is movement and action. To review Walla's walk is to walk with Walla. Reviewing with Capelobo is talking with her body and with her words. With her, we pray for a great, historical, cosmic time, where thinking is (re)creating. We experience her mud, her land, her forest, her road, and her living. How? Together. Co-creating with Nossa Senhora do Rosário, Arturos, and other enchanted ways to cross the world creating "terreiros" of knowledge and healing.

Keywords: walk, ancestry, livature, performance.

RÉSUMÉ: Il s'agit d'un essai-enchancement, d'une écriture qui est une prière, d'une promenade dans des espaces-temps, d'une expérimentation de la pensée avec. Réfléchir avec l'artiste, chercheur et écrivain Walla Capelobo, à partir des matrices ancestrales de la parole, de la pensée et de l'écriture. Penser avec des mots, des corps et des gestes, l'expérience d'être un sujet de recherche, un corps qui est et produit des connaissances, contre le monde colonial. Essai réalisé en bande, avec des êtres visibles et invisibles, humains et non-humains, marchant entre Congonhas et Matias Barbosa et Juiz de Fora, villes du Minas Gerais. Notre proposition met nos corps en jeu, car avec nos épistémologies de macumbas, la parole est pensée, elle est corps. Écrire, c'est donc un mouvement, une action.

Revoir le voyage de Walla, c'est revoir le voyage avec Walla. Revoir avec Capelobo, c'est parler avec son corps et avec sa parole. Avec elle, nous prions un grand temps, historique, cosmique, où penser c'est (re)créer. Nous expérimentons sa boue, sa terre, sa forêt, sa route, sa vie. Comment ? Avec. co-crée avec Nossa Senhora do Rosário, avec les Arturos, et d'autres formes enchantées de traverser le monde et de créer des terreiros de connaissance et de guérison.

Mots-clés: promenade, ancestralité, écriture, performance.

RESUMEN: Este es un ensayo-encantamiento, una escritura que es una oración, un paseo por espacios de tiempo, experimentando con el pensamiento. Pensar con la artista e investigadora y escritora Walla Capelobo, partiendo de matrices ancestrales de hablar y pensar y escribir. Pensar con palabras y cuerpos y gestos, la experiencia de ser un sujeto de investigación, un cuerpo que es y produce conocimiento, contra el mundo colonial. Ensayo realizado en cuadrilla, con seres visibles e invisibles, humanos y no humanos, caminando entre Congonhas y Matias Barbosa y Juiz de Fora, ciudades de Minas Gerais. Nuestra propuesta pone en juego nuestros cuerpos, porque con nuestras epistemologías de macumbas, la palabra es pensamiento, es cuerpo. Escribir, pues, es movimiento, acción. Revisar el viaje de Walla es revisar el viaje con Walla. Repasar con Capelobo es hablar con su cuerpo y con su palabra. Con ella rezamos un tiempo grande, histórico, cósmico, donde pensar es (re)crear. Experimentamos su barro, su tierra, su bosque, su camino, su vida. ¿Cómo? Con. co-creando con Nossa Senhora do Rosário, con los Arturos, y otras formas encantadas de cruzar el mundo y crear terreiros de conocimiento y cura.

Palabras-clave: caminar, ancestralidad, escritura, performance.

ABSTRACT (BLACK VERNACULAR)⁵⁰:

It was morning/ Early/ a glory dawn/ The river was rolling/ Surely/ something's on
The monkey was peeping/ maybe still sleeping/ but it was truly intriguing
The lion saw it too/ it was bright and blue/ though at first, no one knew
A woman was there for water/ the glow of splendour caught her/ filled her heart with warmth and
hope/ and yet the master didn't believe her told
She went back yet again/ the splendour was holy/ came to break the chain/ fearless but slowly
I ask: How many truths do you see?/ one, two, or three?/ I ask: How many lies there are?/ six, four, or
five?
As long as she is free/ Our Lady will bless/ From tree to tree/ I want nothing less
You prayed this before/ 'I' means one, three, 'n' more.

Keywords: walk, ancestry, livature, performance.

RESUMO (PRETUGUÊS): Este é um ensayo-encante, uma escripta-reza, camynhada por tempos-espacos, experymentando pensar com. Pensar com a artysta y pesquysadora y escriptora Walla Capelobo, partyndo de matryzes ancestrays de falar y pensar y escrever. Pensar com palavras y corpos y gestos, a escrevyvêncy a de ser sujeyta de pesquysa, corpa que é y produz conhecymto, na contramão do mundo colonyal. Ensayo feyto em bando, com seres vysyveys y ynvysyveys, humanos y não-humanos, camynhando entre Congonhas y Matyas y Juyz de Fora, cydades de Mynas Gerays. Nossa proposta coloca nossos corpos em jogo, poys com nossas epystemologyas das macumbas, palavra é pensamento, é corpo. Escrever então é movymto, ação. Rever a camynhada de Walla, é rever a camynhada com Walla. Resenhar com Capelobo é conversar com sua corpa y

⁵⁰ Sabendo que o *abstract* é um resumo em lÿngua ynglesa, ele aquy é um descolamento y modo de pensar a escripta, não só nas unyversydades, mas no mundo. Um resgate y experymento do que Henry Louis Gates Jr., chamou de *Signifyng Monkey*. O *signifyin' Monkey* é um múltyplo norteamerycano da fygura yorubá, Esu elegbara. O *Monkey* toma para sy a lÿngua colonyal. Ryma de forma dyssymulada, camuflando y realocando sentydos. Y com esse jogo de lynguagem lyvre y ancestral, negras y negros sequestrados para o contynente chamado Améryca do Norte, mostraram sua yntelygêncy a y cultura, fazendo uso transgressor da lÿngua. Nas palavras do *Monkey* "no motherfucker is gonna stop me Signifyng". Assym, como um systema sygnifycante, como em outras de nossas produções, mays que traduzyr um resumo, somos Macaco sygnifycndo poétyca y polytycamente, tanto o texto quanto o própryo ato de publycação em terras além-mar, jogando com a lÿngua do *colonizer*. Nossas dyssertações, artygos y teses, se conectam em seus "*abstracts*" formando ao mesmo tempo uma sérye de varyações desta tradyção y apresentando perfomatyvamente o conteúdo dos trabalhos em questão. Desta forma, os resumos yncyays são meras estratêgyas de yndexação y dyvulgação. Sendo o resumo em pretuguês y o *abstract* em *Black vernacular* nossos reays usos da lynguagem.

com sua palavra. Com ela rezamos um tempo grande, hystóryco, cósmycó, onde pensar é (re)cryar. Experymentamos sua lama, sua terra, sua mata, sua estrada, seu vyver. Como? Com. Cocryando com a Nossa Senhora do Rosáryo, com os Arturos, y outras formas encantadas de atravessar o mundo y cryar terreyros de saber y cura.

Palavras-chave: camynhada, ancestralydade, escrevyvêncyá, performance.



Figura 1: Carolina Prymeyra, Malandro Vermelho e Walla Capelobo, "Autorretrato", 2022, performance fotográfica
Fonte: Acervo dos artystas.

1. Abertura

*ces lê, ces vê, ces escreve,
só não véve
“Esú é aquele que acertou o pássaro ontem, com a pedra que lançou hoje”
oryky de Exu.*

[Escrever não é fácil. O sistema colonial que nos foi imposto nos diz o tempo todo que não podemos, não somos capazes e que não conseguimos. Preciso vencer a máquina estrutural que me impede de acreditar na minha escrita. Desfazer da ficção que minha corpa não é capaz de gerar e ser conhecimento. Para o sistema de conhecimento da branquitude a escrita é algo solitário, isolada em seu pedestal que vê de cima para baixo.

Racionaliza tudo e não sente nada. Mas para nós, racializadas, o conhecimento se produz em conjunto. Aprendo e produzo teoria o tempo todo em diálogo com quem me cerca. Peço ajuda ao invisível e ao visível. Somos de bando, seguimos passos de tão longe. Escrevo o que não consegui falar ontem e que terei que falar hoje. Sou artista escritora para quebrar as correntes do processo da escravidão que ainda assolam nossas mentes].

Segundo o artysta potyguara João Nyn, em Pyndorama, nome da terra Brasyl antes da ynvasão européya, aquy não se fala português, não se fala espanhol, não se fala ynglês. O ‘Y’ é a demarcação do português de ponta-cabeça. É oka. “é ruído entre o futuro que não chega y o passado que nunca se foy. Uma forma de ser um bom ancestral. O ‘Y’ é uma vogal gutural, som que vem da gruta.” (Nyn, 2021: n.p.)

A preta y antropóloga y pesquisadora y professora Lélia Gonzalez nos dyz que no Brasyl, localyzado em Améfryca Ladyna, todos falamos pretuguês. A ladynydade mestyça do “d” que devora a latynydade do “t”, retyrando a centralydade ybéryca do contynente. Nos fazendo amefrycanos do sul ao norte.

‘Y’ que também é garfo duplo, sygno da forma femynyna de exu, oryxá da comunycação, ynterpretação y dos camynhos, aquela que lyga elementos, junção. Encruzando palavras y povos y corpos y terrytóryos das améfrycas ladynas, a fym de devorar y cuspyr (n)ovo mundo.

Os ressurgydos Pury, nação yndýgena oryrynárya, mesmo sem reconhecymto y ynvysybylyzados pelo Estado Brasyleyro, vyvênciam sua cultura y sua lýngua y memóryas se comunycando entre sy y se apoyando nos conhecymtos dos mays velhos.

Y. Encruzylhada. Vysybylyzados. Vogal sagrada.

Nós temos olhos y ouvydos y conscyência para ynterpretar y traduzyr o mundo. A lýngua é vyva. O português, falado no paýs, é o que é pelas marcas afrycanas y yndýgenas que carrega. Yndýgenas y pretos y europeus. Potyguês y Puryguês y Pretuguês y Português. Que lýngua dyz Brasyl?

Falamos y escrevemos. Juntamos a comunycação, a abertura de camynhos, os elementos da natureza, a desobedyência de Pombagyra y Exu y Caraýba y Tybyra com camadas de sentydos. O p(retu)(oty)(ury)guês é oralydade escryta. É outro ser. É lýngua amefrycana em evydência com as fronteyras alargadas em Pyndorama.

O p(retu)(oty)(ury)guês se escreve com A – E – O – U – Y.

Português *estrupyado*?

Português (de)marcado.

O p(retu)(oty)(ury)guês já falado, agora também g(r)a(r)fado, nos gryfos y garfos dos povos de aquy.

{Camynhar não é fácyl. O systema colonyal que nos foy ymposto nos dyz o tempo todo que não podemos, não somos capazes y que não conseguimos. Precyso vencer a máquyna estrutural que me ympede de acedytar na mynha trylha. Desfazer da fycção que mynha corpa não é capaz de gerar y ser conhecymento. Para o systema de conhecymento da branquytude a camynhada é algo solytáryo, ysolada em seu pedestal que vê de cyma para bayxo.

Racyonalyza tudo y não sente nada. Mas para nós, racyalyzadas, a camynhada se faz em conjunto. Aprendo y produzo teorya o tempo todo em dyálogo com quem me cerca. Peço ajuda ao ynvysývel y ao vysývel. Somos de bando, seguymos passos de tão longe. Camynho o que não conseguy ontem, mas que terey que seguir hoje. Sou artysta andarýlha para quebrar as correntes do processo da escravydão que aynda assolam nossas mentes}.

Vyolência y pertencymento.

2. Os porão nos paryu

Este é um ensayo-encante, uma escryta-reza, uma andança conjunta com a pesquisadora y artysta Walla Capelobo. Com ela nos tornamos mata escura y lama

fértyl⁵¹. Conosco ela se torna cryatura poétyca⁵². Todes afro(ýndyo)(trans)femynystas y (anty)(contra)(de)colonyays.

Como a pedra de Exú, alcançamos sua andança, seu ex voto a nossa senhora do rosário dos pretos y também suas palavras, escrytas nos anays do “IV Simpósio de Arte e Mídia”. Com ela cryamos na espyral do tempo que cruza com nossas vydas. Aquy, os tempos passados y presentes y futuros, em seus sentydos ocydentays, são transformados em sasa y zamani⁵³. Um é o tempo pequeno, ymedyato. O outro, o tempo grande, cósmyco. Em zamani os sasa se encontram.(Martins, 2021: 64) Nos juntamos a ela em movymento de palavras, palavras que ynstauraram tanto quanto seus passos, a camynhada performatyva pelas estradas de Mynas, um dos prymeyros estados brasyleyros. Terras yndýgenas, cavadas por pretos, condenados atrás dos ouros y dyamantes das gerays.

Buscando nas ancestralydades advyndas de áfryca, palavra/corpo/pensamento (Simas & Ruffino, 2019: n.p.) se tornam novamente uma que são muytas. Seus passos nos chamam ao seu lado, com ela andamos. Com ela escrevemos. Com ela pensamos.

Tradyzendo exusyacamente seus gestos y dyzeres. Devorando y cuspyndo, cryamos um múltyplo, uma amarração, uma conversa com/em váryas vozes. Compondo refrões y estrofes, Capelobo aquy não é objeto, mas sujeyta, corpa crýtyca, pensadora que nos chama y é chamada a andançar “NO CAMINHO DO ROSÁRIO”]

Váryos sasa, um só zamani.

3. Mas o que é tradyzer?

O Suzarte e o Tiipote, e outros, com o João Vaqueiro, rastreavam redobrados, onde em redor, remediando o mundo a alho e faro. Tudo eles achavam, tudo sabiam; em pouquinhas horas tudo tradiziam.’ (Flores & Gonçalves, 2017: 13).

⁵¹ Como ela se autodefyne.

⁵² Como nos autodefynymos.

A autodefynyção, processo fundamental, segundo o mulherismo africana de Clenora Hudson-Weems. É a reconstytyção das subjetyvydades, das almas pretas dyaspórycas, lançadas a deryva global, após a travessya do Átlantyco, essa grande encruzylhada. (Simas & Rufino, 2019).

⁵³ Palavras no ydyoma suaýly utylyzadas pelo autor John S. Mibit que traduzem concepções de temporalydades.

Verbo tornado sertanejo, palavras trazidas pela boca de Riobaldo, jagunço trazido a este mundo pelas mãos de Guimarães Rosa⁵⁴. Verbo que em nossas bocas y dedos y faros, se torna synônimo de Exu, aquele que devora y cospe outro.

A tradição aparece, assim, como uma curiosa modalidade de tradução em que não há transporte de uma língua a outra, mas sim um envio do corpo à letra: trata-se da conversão, por meio de um saber entre a experiência e a adivinhação, de vestígios de gestos e afetos humanos e não-humanos, dos movimentos dos corpos e sua interação com o mundo, em uma dicção que parece ser o paradigma de todo pensamento ('para pensar longe, sou cão mestre - o senhor solte em minha frente uma idéia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém!', diz Riobaldo) (Flores & Gonçalves, 2017: 13).

Assym, vyndas destes sertões, Walla envya sua corpa à letra, y nós, com ela, envyamos nossas letras ao corpo. Rastremos as ydeyas pelos matos y cantos y pedras y trylhos, fazendo da pesquysa faro y gesto. Ato. Pesquysa que não fala sobre o mundo, mas com ele. Tradyzendo, não há objeto a crýtyca, há matéria humana y não-humana de produção. Dyccão feyta pensamento. Que se larga do colonial "sobre", do pedestal que separa; para o chão que mystura. fuça, cava, rola "com".

Por que falar de Walla, se podemos falar com ela?

Porque aquy é palavra /corpo/pensamento.

{Vyver não é fácy. O systema colonial que nos foy ymposto nos dyz o tempo todo que não podemos, não somos capazes y que não conseguimos. Precyso vencer a máquyna estrutural que me ympede de acedytar na mynha vyda. Desfazer da fycção que mynha corpa não é capaz de gerar y ser conhecymento. Para o systema de conhecymento da branquytude a vyda é algo solytáryo, ysolada em seu pedestal que vê de cyma para bayxo.

Racyonalyza tudo y não sente nada. Mas para nós, racyalyzadas, a vyda se produz em conjunto. Aprendo y produzo prátyca o tempo todo em dyálogo com quem me cerca. Peço ajuda ao ynvysývel y ao vysývel. Somos de bando, seguymos passos de tão longe. Vyvo o que não conseguy vyver ontem y que terey que vyver hoje.}

[Recentemente em uma conversa com meu pai via telefone ele me disse a seguinte frase: "descobrimos que moramos dentro da barragem". Ao desligar o telefone as lágrimas misturadas ao sentimento de impotência diante da distopia em que somos submetidas tomaram meu ser. Choro e sinto a água salgada que me conforta.

⁵⁴ Poeta y dramaturgo brasyleyro nascydo no estado de Mynas Gerays.

Estou no Rio de Janeiro, antiga quase nova capital do império, e minha família em Congonhas no estado de Minas Gerais. Duas cidades que guardam e se orgulham de seu passado colonial. Por um instante minha corpa recebe toda a dor de séculos de descaso com nossas vidas. Respiro. Lembro das palavras de uma amiga, artista, transfeminista e terrorista Bruna Kury: “é muita revolta e sensibilidade”⁵⁵. Preciso extravasar o que não tem nome. Ponho-me a escrever para entender e materializar a dor, não para estancar a ferida, mas sim para conviver e não ser paralisado por ela.]

[Sou artista escritora para quebrar as correntes do processo da escravidão que ainda assolam nossas mentes.] (‘para pensar longe, sou cão mestre - o senhor solte em minha frente uma idéia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém!’)

Resgatando a epystemologia das macumbas, onde kumba vyrya do quycongo, sygnifycando feytyceyro, encantador de palavra, poeta; y o prefyxo ma, sendo sua forma plural, Capelobo evoca a terra dos poetas do feytyço: “...os encantadores de corpos e palavras que podem fustigar e atazanar a razão intransigente e propor maneiras plurais de reexistência pela radicalidade do encanto em meio as doenças geradas pela retidão castradora do mundo como experiência singular de morte.” (Simas & Ruffino, 2019: n.p.)

[Congonhas é uma cidade pequena nas Minas Gerais, cercada por montanhas, um grande vale onde a cidade se desenvolveu. Pequeno vilarejo fundado no século XVII vizinha a vilarejos como Ouro Branco, Ouro Preto e Mariana. Região conhecida pelos gananciosos saqueadores como quadrilátero ferrífero, por suas montanhas serem ricas em minerais. O ouro foi todo levado, permanece em algum cofre europeu, nos chamados tesouros nacionais, em suas igrejas e em seus palacetes. O minério de ferro é o mineral da vez, material necessário para quase todos os bens de consumo. A exploração é quase a mesma, vidas são ceifadas para o conforto dos que auto declararam donos de tudo. Atualização dos processos escravocratas. Mantém a vida subordinada aos patrões. Não trabalha na mineração não come. Cresci vendo caminhões e escavadeiras pela janela furar a serra.

Dia 5 de novembro de 2015: rompimento da barragem de rejeitos no distrito de Bento Rodrigues, Mariana – MG. Eccídio. Rio Doce morto. A mineração assombra a todos, dependemos dela para viver e ela é capaz de nos matar. 25 de janeiro de 2019: rompimento da barragem de rejeitos em Brumadinho – MG, soterramento de centenas de vítimas de imediato. As discussões voltam sobre a segurança das barragens, vivemos perto de uma, não sabíamos o quanto. A montanha que vejo em

⁵⁵Trabalho apresentado ao “Grupo de Trabalho Corpo, Arte e Mídia, do IV Simpósio Nacional de Arte e Mídia”.

frente à casa dos meus pais para minha surpresa é também uma barragem. Eles não importam com nossas vidas, só importam com o que nossos corpos podem gerar, neutralizam nossas potências para nos matar. As palavras na música de Rosa Luz fazem ainda mais sentido na minha vida: “a morte não chegou é mais um dia de sorte”. A branquitude é sinônima de genocídio.]

A cada 23 minutos um negro é assassinado no Brasil⁵⁶, nestas terras que matam transsexuais no mundo (ANTRA & IBTE, 2019: 23). Nesta terra que desterra indígenas a centenas de anos.

[Tenho medo da lama, mas não deveria ter. A lama foi um presente de Nanã para Oxalá nos moldar. É preciso fazer as pazes com a lama, com o que nos cerca. Destruir o desejo de branquura e me acertar com quem me dá a vida e a morte. Seguir os passos dos que chegaram a essas terras e operaram milagres. Estou aqui, sou fruto desses milagres. Realizo uma ação que me ajuda a lembrar de outros tempos e terras. Presto uma homenagem aos sobreviventes. Resolvo caminhar.]

Nanã fornece a lama para a modelagem do homem
Dizem que quando Olorum encarregou Oxalá e fazer o mundo y modelar
o ser humano,
o oryxá tentou váryos camynhos.
Tentou fazer o homem de ar, como ele.
Não deu certo, pois o homem logo se desvaneceu.
Tentou fazer de pau, mas a criatura ficou dura.
De pedra ainda a tentativa foi pior.
Fez de fogo y o homem se consumiu.
Tentou azeite, água y até vinho-de-palma, y nada.
Foi então que Nanã Burucu veio em seu socorro.
Apontou para o fundo do lago com seu ybyry, seu cetro y arma,
y de lá retirou uma porção de lama.
Nanã deu a porção de lama a Oxalá,
o barro fundo da lagoa onde morava ela,
a lama sob as águas, que é Nanã.
Oxalá criou o homem, o modelou no barro.
Com o sopro de Olorum ele camynhou.
Com a ajuda dos oryxás povoou a Terra.
Mas tem um dia que o homem morre
y seu corpo tem que retornar à terra,
voltar à natureza de Nanã Burucu.
Nanã deu a matéria no começo
mas quer de volta no final tudo que é seu.
(Prandi, 2001: 196, tradução nossa).

⁵⁶ Senado Federal. A cada 23 minutos um jovem negro está sendo assassinado no Brasil, (2018).

Pratycar terreyros nos possybylyta ynventar y ler y rezar o mundo a partyr das lógycas de saberes encantados. Laroyê! (Simas & Ruffino, 2019: s/p).

[Um percurso. Caminhada por dois pontos de destaque na construção histórica e urbana de Congonhas.

A partida se dá na estação de ferro do distrito de Lobo Leite (antiga estação Soledade), construída no período imperial batizada pelo nome de Estrada de Ferro Don Pedro II (1886-1889) e renomeado no período republicano como Estrada de Ferro Central do Brasil (1889-). A estrada de ferro tinha como objetivo a união da então capital do Brasil, Rio de Janeiro, ao seu interior para expansão econômica e modernização aos moldes expansionista capitalista. Não deu certo, tornou-se mais um projeto abandonado. Pego a estrada de ferro e sigo a direção contrária da expansão planejada. Volto para outra construção de Congonhas, agora uma mais antiga, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Edifício de origem do século XVII que guarda em si a força dos que a construíram. É o palco das congadas que homenagem aos reis e rainhas africanas que por essas terras foram escravizados e que por grande força tem suas memórias ressaltadas.]

Quem conhece o myto da Nossa Senhora do Rosáryo?

Nós escutamos o seu Antônio Maria:

Ela apareceu na beyra do mar.

Ela apareceu pra uma nega que trabalhava numa fazenda de escravos. Essa nega vyu y voltô pra casa y falô com o senhô.

_ Senhô, num conseguy panhá água, porque eu vy um resplandô do outro lado d'água y senty mal, fyquey com medo y vym.

O senhô então falou com ela:

_ Se for mentyra, se for mentyra sua, amanhã eu vô mandar os carrasco com cê y o ocê vay vê! Vô corta ocê no couro y depouys te ponho na roda d'água.

Ela fycou muyto tryste porque ele mandou mesmo os carrascos com ela, 4 horas da madrugada. Mas chegando lá eles vyu o resplandô y voltô.

O synhô proybyu os nego de voltar, porque vyru que era mesmo uma santa. Chamaram então (os brancos) até banda de músyca y padre pra fazer uma festa, pra ela, pra tyrar a Santa do mar. Mas eles pelejaram, pelejaram y não conseguyram ela say.

Nesse ynstante que eles tavam pelejando, os nego sayram três quylômetros da fazenda fazendo seus ynstrumentos, três quylômetros da fazenda, pro synhô não escutar os barulhos deles.

Aý como a Santa não saýa com os branco, os nego foy lá y pedyu:

_ Synhô, será que com ocês ela não quys sayr, será que a gente pode ver se ela say com nós?

O synhô respondeu:

_Cambada de preguyçoso! Cês tão é com preguyça, se ela não quys sayr com nós (brancos), com yssso aý, essa catynga de nego, ela vay sayr?

Com ysso ele (o nego) deu as costas como resposta y saya devagarzynho. O synhô chamou então y dysse:

_Vay lá! Vão ver se ela vay sayr, vão ver! Vão ver.

Chegando ela eles juntaram o Candongo, o Maçabyque y o Congo, y desceram pra beyra mar.

O Congo chegou na frente, chamando o Maçabyque, fazendo aquela meya lua, dançando.

O Maçabyque não aguentava andar de pressa, porque os pretos velhos estavam cansados, com os pés tudo byxado. Ay quando chegaram na beyra do mar, a Santa ja tava pertym.

Aý fyzeram uma parede de bastão y colocaram ela sentada num tambor chamado Santana. Daý os tambor já não bateu mays, o Maçabyque é que veyo conduzyndo y vyeram tudo quanto é santo, pra proteger aquela coroa que a Santa usava na cabeça.

Aý quando chegou na Ygreja dos Brancos, eles tomaram ela, levaram pra dentro y mandou os nego sumyr, porque eles não precysavam mays dos nego.

Só que ela fugyu y foy embora na madrugada. Eles chegaram no outro dya caçando ela, porque tynham deyxado ela bem trancada, bem arrumada, mas ela fugyu vyram só o rastryngo dela.

Aý eles foram de novo atrás dos nego outra vez, para que os nego fossem até a beyra do mar tyrar a Santa. Aý os nego foy lá, arrumou seus tambor, suas cayxa. Eles foram lá, bateram y ela tornou a sayr do mar y voltou com os nego.

Só que aý, os nego já não parou na Ygreja dos Brancos y desvyou. Cortaram (camynho) pelo mato, pelo trylhos y foram lá pra typoya. Lá eles deyxaram a Santa, sem trancar nem nada. Mas a Santa fycou com eles a noyte toda, até de manhã.

Mas o synhô estava esperando pra “dar neles um coro”, mas quando os brancos chegaram y vyram a Santa, eles assustaram. Y correram.

Y os nego também, assustaram, achando que yam apanhar.

Então vendo os brancos fugyram, eles perguntaram à Nossa Senhora, o que eles ya dar ela a troco de ela ter fycado y eles não terem apanhado.

Ela respondeu pra eles:

_Não, é só vocês falaram assym “bença” - Ensynou eles a tomar “bença mamãe”. - Vocês não precysam pagar nada não.

Bem, a hystória é essa.⁵⁷

(yn)Brasyl

Protestante não reza. Católyco não ora.

Macumbeyro reza y ora.

A ley reza ysso. Ora isso?

⁵⁷ Tradycção do pretuguês natyvo de Antônio Maria da Silva, *Narrativa do mito de Nossa Senhora do Rosário* (2014).

Peço a benção à benzedeyra. Ela reza ou ela ora?

Ela realyza benzeduras. Ela reza.

Reze em voz alta.

‘Rezar’ é ler em voz alta, reza o latym.

[Volto e penso em quem fez por séculos esse trajeto. Sinto o cheiro. Tudo é um sinal de que estou indo atrás de quem sempre esteve comigo. Sinto o vento.] (‘para pensar longe, sou cão mestre - o senhor solte em minha frente uma idéia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém!’)

[Não preciso ir atrás, já estão comigo. Faço homenagens. Penso e não desisto. Sorrio e choro. Sobrevivemos. Sinto a força de quem me conhece mais do que eu mesma.

Seguir o caminho que contraria ao desenvolvimento me cura. Seguir o caminho dos meus mais velhos me acalma. Seguir os passos do invisível me acalanta.]

{Seguyr o camynho que contrarya ao desenvolvymto nos cura. Seguyr o camynho dos nossos mays velhos nos acalma. Seguyr os passos do ynvysývel nos acalanta.}

[Ganho força. Sou guerreira. Sou da cor da terra. Não me esqueço em momento nenhum dos perigos que me cercam, mas tenho forças para lutar, para não desistir e principalmente para não deixar de sonhar. De imaginar que caminhar na contramão do sistema vigente é possível e é necessário. Pegar o caminho que consiga por um momento enganar as instituições de controle. Encontrar brechas para não morrer por dentro.]

A encruza de Exu aponta caminhos enquanto possibilidades: cruzando perspectivas, a encruzilhada transatlântica é a categoria que, a partir dos princípios explicativos de mundo assentes em Exu, nos fornece bases para pensar a trágica experiência de deslocamentos forçados e não retorno também como uma possibilidade de reinvenção da vida, de culturas resilientes que se modificaram no próprio trânsito (Simas & Ruffino, 2019: s/p.).

[Novamente sinto cheiro de quem está comigo. Sinto os corpos das vítimas seculares da mineração, não seremos mais, não podemos mais. É preciso matar a brancura em nós. É preciso se acertar com as forças ancestrais que nos guiam. Encontrar a negritude que nos cerca e nos firmar. É sobre vida.]

{Escreveviver não é fácy. O systema colonial que nos foy ymposto nos dyz o tempo todo que não podemos, não somos capazes y que não conseguimos. Precysamos vencer a máquyna estrutural que nos ympede de acedytar nas nossas escrevyvênyas. Desfazer da fycção que nossas corpas não são capazes de gerar y ser conhecymento. Para o systema de conhecymento da branquytude a escrevyvêncyã não exyste y a escryta é algo solytáryo, ysolada em seu pedestal que vê de cyma para bayxo.

Racyonalyza tudo y não sente nada. Mas para nós, racyalyzadas, o conhecymento se produz em conjunto. Aprendemos y produzymos teorya y prátyca o tempo todo em dyálogo com quem nos cerca. Pedymos ajuda ao ynvysível y ao vysível. Somos de bando, seguymos passos de tão longe. Escrevyvemos o que não conseguimos escrevyver ontem y que teremos que escrevyver hoje. Somos artystas y escrytoras y pesquysadoras y cryaturas poétycas para quebrar as correntes do processo da escravydão que aynda assolam nossas corpas y mentes.}

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais (Evaristo, 2020: 30).

[A caminhada apenas começou.]

4. Depoys do Levante

Com pés de Carolina Prymeyra, passamos por Matyas Barbosa, em Myras Gerays, pela estrada de ferro que atravessa o camynho da antyga Estrada Real. Próxyimo de onde nasceu y vyveu a escravizada que foy a prymeyra Cerqueira. “Vó” yndýgena conhecyda y desconhecya em sua famýlya. Seu nome se perdeu, mas ela permanece agora como Prymeyra Cerqueira, renomeada pela tataraneta que veyo depoys.

{Olhamos para trás y damos sygnifycado. A vyolêncyã exystyu. A vyda preta y yndýgena exystyu.

Quando exystymos na brecha, retomar ou resgatar vozes em zamani é, ao mesmo tempo, o alývyo da descoberta de que não estávamos realmente sozinhos, y a Novas pedras nos camynhos de Walla Capelobo ■ Carolina Cerqueira Correa, Malandro [127] Vermelho e Walla Capelobo

angústya frente a compreensão do esquecymto que se tem como sasa. Exystyr em sasa, para além da brecha, é poder despyr a fantasya de sacryfýcyo y herança symplyfycada. Mas a vyolêncyã opera de tal maneyra que parece sempre sujeytar sem muyto esforço. A lyberdade se torna uma ylusão passageyra? A lyberdade não deverya depender de permyssão, mas ser ynseparável do dyreyto. Observo as falsas lyberdades y as lyberdades reays.

Em 2018, fizemos uma yntervençãõ, (quem chama de arte?), em um edyfýcyo com hystóryco de vyolêncyã contra pessoas racyalyzadas. Um edyfýcyo lystado como um patrymônio. Nossas yntervenções foram feytas em papel. O edyfýcyo era de pedra. Mas nossos espýrytos já sabem pra onde voltar. (Vermelho, 2020: n.p.)

Carolina Prymeyra (y nós}}

{

5. _galynha de afogar patos nº2

Com os pés de Vermelho, passamos por Juyz de Fora, em Mynas Gerays, pelo Jardym Botânico, outrora Sýtyo Malýcya, antyga fazenda cafeyra, onde nossos ancestrays pretos foram escravyzados y de onde nossas ancestrays yndýgenas foram banydas. Em suas agora galeryas, outrora Casa Grande, Vermelho reencontrou sua Bysavó Cabocla, descendente esquecyda de Boruns ou Purys. Y enchendo o chão da galerya de terra, plantou as sementes de antygas novas memórias.

{12 de abryl de 1861.

Ylumynado pela luz da candeya, gemya um corpo algemado ao nomeado tronco. Às costas, suor y sangue.

Que nomes chamava? Não se podya escutar. Seu cryme fora, se havia, antes de tudo, nascer. Escuro.

Mas se atrevymto já não lhe faltasse, havia cometydo o cryme de comer frutas do pomar. Plantados pelos seus.

Em murmúryo, o vento apagou a candeya y, no breu, sussurrey em seu ouvydo. Ele se mexeu sentyndo mynha presença:

_Não tema meu malungo, venho em paz. O que me chamou foy teu atrevymto. Tua coragem de atyçar a escravarya.

Não que teu lamento fosse menos dygno. Que tua dor menos syncera.

Y pude ver no breu da noyte, entre o breu de sua pele, entre o rubro de sua boca, seu sorryso. Refletyda lua.

Y se o oco dos ouvydos ouvyse y se o oco da cabeça soubesse y se no oco das veyas pulsasse, a cyfra serya sentyda. Dalý não sayam lamuryas, mas batydas de um São Bento Pequeno.

_Daquy de onde venho não posso te ajudar. Com mandyngas de meu tempo não posso tuas correntes quebrar. Y não lamentarey tua syna mays que vós mesmos. Não darey vytórya a covardyá que tenta sob o tempo prender a vyda y a jornada. No entanto sussurro agora em teus ouvydos, o encanto de outras vyndas:

_Moço, nos ydos de 12 de abryl de 2019 anos brancos, nós que agora somos apenas uma ymagem tremeluzente, vamos entrar atrevydos pela porta da frente.

Sym! Pela porta da frente da Casa Grande, desta Fazenda Tapera que vão chamar de Sýtyo Malýcya. Nós que somos 3, que aquy seremos chamados Preto, ynvadyremos a Casa Grande. Y dela faremos Sede, de nossa memórya.

Preto, encheremos sua sala de Terra, que já foy Sem Males, que já foy jardym de parentes Purys y Coroados.

Sym! Plantaremos tantas memóryas quantas as voltas da Árvore do Esquecymto, tantas quantas as 9 dos negros, tantas quantas as 7 das negras.

Y testemunhas serão de nossa malýcya.

De ynvadyr o ympossývel, de semear o ynymagynado.

Sym, meu malungo, venho saudar teu atrevymento y teu são bento, grande y pequeno, fazendo deles meus.

Y sob o som destes que nasceram para ser tambores, me afastey. Retornando a este tempo. Sentyndo as ferydas se fechando nas costas. Se não as dele, as nossas.

“Esú é aquele que acertou o pássaro ontem, com a pedra que lançou hoje”.
(Ibidem)

Vermelho (y nós)}



Figura 2: Carolina Prymeyra; Malandro Vermelho, Walla Capelobo, "Camynhada", performance fotográfya

Fonte: Acervo dos artystas.

Assym, camynhando entre Matyas y Juyz de Fora y Congonhas, nos juntamos a Walla. Agora, com ela, fazemos Bando.

Para nós, ensayar, conversar, escrever, tudo é com. Nossa proposta coloca nossos corpos em jogo, poys com nossas epystemologyas das macumbas, palavra é pensamento, é corpo. Escrever então é movymento, ação. Rever a camynhada de Wala, é rever a camynhada com Walla. Resenhar com Capelobo é conversar com seu corpo, com seu gesto, com sua ação. Com ela rezamos um tempo grande, hystóryco, cósmycyco, onde pensar é (re)cryar. Experymentamos sua lama, sua terra, sua mata, sua estrada, seu vyver. Como? Com. Cocryando com.

Este ensayo, experymenta pensamento em-comum, cocryação (Mbembe, 2019) de conhecymento que encruza teorya/prátyca, corpo/palavra/pensamento. Acontecymento. Pensar com.

Legendas
(onde há a(de)créscymo y/ou referêncyas) amarração
[voz de Walla Capelobo]
{onde rezamos em bando}.

REFERÊNCYAS BYBLYOGRÁFYCAS

- Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (ANTRA) & Instituto Brasileiro Trans de Educação (IBTE) (2019). *Dossiê Assassinatos e violência conta Travestis e Transexuais no Brasil em 2018* [online]. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2019/01/dossie-dos-assassinatose-violencia-contra-pessoas-trans-em-2018.pdf>
- Capelobo, Walla (2020). No Caminho do Rosário. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ARTE E MÍDIA, 4, 2019, Universidade Federal do Maranhão. Anais do IV Simpósio Nacional de Arte e Mídia. São Luís: Eudfma.
- Capelobo, Walla (s/d). *Portfólio*. Disponível em <https://wallacapelobo.hotglue.me/>.
- Carrascosa, Denise (Org.) (2017). *Traduzindo no Atlântico Negro cartas náuticas afrodiaspóricas para travessias literárias*. Salvador: Ogum's Toques Negros.
- Centro de Memória Puri (s/d). *Pury Vivo*. Disponível em: <https://povopuri.wixsite.com/memoriapuri>.
- Da Silva, Antônio Maria (2014). *Narrativa do mito de Nossa Senhora do Rosário*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=puLn4vjzFyM>.
- Evaristo, Conceição (2020). Escrivivência e seus subtextos. In *Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte
- Flores, Guilherme Gontijo & Gonçalves, Rodrigo Tadeu (2017). *Algo Infiel o corpo performance tradução*. São Paulo: n-1 edições.
- Gates Jr., Henry Louis (1988). *The signifying monkey a theory of African-American literary criticism*. New York: Oxford University Press.
- Hudson-Weems, Clenora (1998). *Africana womanism: reclaiming ourselves*. Michigan: Bedford Publishers Inc..
- IPEA. *Atlas da violência*. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>.
- Jackson, Bruce (2004). *Get Your Ass in the Water and Swim Like Me African American narrative poetry from oral tradition*. New York: Routledge.
- Marques, Marília (2017). A cada 23 minutos, um jovem negro morre no Brasil, diz ONU ao lançar campanha contra violência. Disponível em: <https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/a-cada-23-minutos-um-jovem-negro-morre-no-brasil-diz-onu-ao-lancar-campanha-contra-violencia.ghtml>.
- Martins, Leda Maria (2021). *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó.55.
- Mbembe, Achille (2019). *Sair da Grande Noite. Ensaio sobre a África descolonizada*. Petrópolis: Vozes.
- Mbiti, John S (1970). *African religions and philosophy*. Garden City: Anchor Books.

- Njeri, Aza & Ribeiro, Katiúscia (2019). Mulherismo Africana: práticas na diáspora brasileira. *Currículo sem Fronteiras*, 19(2), 595-608.
- Nyn, João (2021). O teatro como contracolonização tupy-guarany nhandewa. In Guajajara, Zahy (Org.). *Teatro e os povos indígenas: janelas abertas para a possibilidade*. São Paulo : N-1 edições.
- Prandi, Reginaldo (2001). *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Senado Federal (2018). A cada 23 minutos um jovem negro está sendo assassinado no Brasil. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/tv/programas/noticias-1/2018/12/a-cada-23-minutos-um-jovem-negro-esta-sendo-assassinado-no-brasil-diz-pesquisadora..>
- Simas, Luiz Antonio & Ruffino, Luiz (2019). *Fogo no mato: A ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Morula.
- Todas as companheyres racyalyzades, translesbyxas, encontros y conversas*.
- Vermelho, Malandro (2020). *Excarnado: Como andar de viés pelos cosmos*. (Dissertação de mestrado). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora.
- Viegas, Maria Ivanice de Andrade (2014). *O enigma do rosário: os mistérios da (r)existência nas correntezas da urbanização*. (Tese de doutoramento). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

Carolina Cerqueira Correa. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens. Instituto de Artes e Design, Universidade Federal de Juiz de Fora. Campus da Universidade Federal de Juiz de Fora, S/n - São Pedro, Juiz de Fora - MG, 36036-900, Brasil. Email: carolinaccerqueira@gmail.com. ORCID: 0000-0003-1562-840X.

Malandro Vermelho. Mestre em artes, cultura e linguagens do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens. Instituto de Artes e Design, Universidade Federal de Juiz de Fora. Campus da Universidade Federal de Juiz de Fora, S/n - São Pedro, Juiz de Fora - MG, 36036-900, Brasil. E-mail: vermeverso@gmail.com. ORCID: 0000-0002-9627-195.

Walla Capelobo. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes. Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense. R. Prof. Lara Vilela, 126 - São Domingos, Niterói - RJ, 24210-590, Brasil. E-mail: teiwalla@gmail.com.

Receção: 10-08-2021

Aprovação: 21-03-2022

Citação:

Correa, Carolina Cerqueira; Vermelho, Malandro & Capelobo, Walla (2022). Novas pedras nos camynhos de Walla Capelobo. *Todas as Artes: Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura*, 5(1), pp. 114-132. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/tav5n1a5